

# ACURANDO FERRAMENTAS PARA ANÁLISE DA QUALIDADE DA PAISAGEM DO PEDESTRE

Autores: Bruna Oliveira\*, Everton Caetano, Luiza Ferreira, Ana Luiza Marchese, Tamara Santos e Crislaine Trajano  
Orientadora: Prof. Ms. Bianca Breyer Cardoso  
Instituição: Arquitetura e Urbanismo ULBRA Torres

## INTRODUÇÃO

Este trabalho integra o projeto de pesquisa "Inserção Urbana de Estabelecimentos de Saúde no Litoral Norte do RS", que analisa as relações que os equipamentos estabelecem com seu entorno, ao nível da estrutura urbana e também do pedestre, observando a geografia hospitalar, nos termos de Labasse (1982). Como principal justificativa, a despeito da reconhecida importância como definidores da paisagem urbana e da rigorosa normatização no âmbito arquitetônico (ANVISA, 2002; BRASIL, 2014; ABNT, 2015), está o fato de que o edifício hospitalar é, raramente, analisado para além de seus limites, do ponto de vista urbanístico. Motivo pelo qual as relações entre interior e exterior, sintetizadas pelo diálogo entre lote e rua, ou mais comumente, entre quarteirão e cidade, são praticamente inexploradas.

## OBJETIVOS

Iniciado em 2015, o projeto de pesquisa em andamento objetiva acurar as ferramentas de análise, a fim de estabelecer um método modelo, aplicável a outros contextos. O presente trabalho objetiva, especificamente, apresentar o processo de desenvolvimento deste método, ainda em construção, especialmente no que tange à avaliação da qualidade da paisagem do pedestre, explicitando a sequência adotada, avaliando prós e contras, e desdobramentos futuros.

## MÉTODO E RESULTADOS

### 1. Sequência de métodos utilizados:

#### BASES DA PESQUISA

Dada a escassez de ferramentas de avaliação do impacto urbano da rede de saúde (Toledo, 2002; 2008), iniciou-se pela construção de uma ficha cadastral que tomou como referência o quadro teórico específico da área hospitalar e referenciais gerais do campo do Urbanismo, especialmente os quatro princípios de vitalidade urbana de Jane Jacobs (1961).

#### 2015 PRÁTICAS COTIDIANAS

Observação Participante: propõe a imersão do pesquisador em campo e permite compreender a atuação dos indivíduos no ambiente em análise, seja através da comunicação direta ou da observação *in loco*, complementada pelos registros fotográficos. Trata-se de um método qualitativo, ancorado na percepção do pesquisador.

#### 2016 CIDADE PARA PESSOAS

12 critérios de qualidade da paisagem do pedestre, subdivididos em 3 categorias (GEHL, 2015), avaliados em escala utilizada por estudo análogo em bom, mediano e ruim. Método qualitativo que considera a percepção do pesquisador na avaliação dos critérios.

#### 2017 ÍNDICE DE CAMINHABILIDADE

21 indicadores, separados em seis categorias. Cada indicador recebe uma pontuação que vai de 0 a 3, de acordo com os critérios expostos no índice (ITDP, 2016). Cabe a quem aplica apenas a coleta e sistematização dos dados, sendo necessário, inclusive, o uso de equipamentos específicos para medição. Método quantitativo, não considerando a percepção do pesquisador.

#### ENCAMINHAMENTOS FUTUROS

Traçar um novo método, que abarque as dimensões quantitativa e qualitativa, considerando também a percepção do pesquisador.

### 2. Categorias de cada método:

#### USOS MISTOS



#### ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

#### QUADRAS CURTAS



#### DESLOCAMENTOS

#### CONCENTRAÇÃO



#### PERCURSOS

#### EDIFÍCIOS ANTIGOS



#### INTERFACES

#### LUGARES

#### PROTEÇÃO - SEGURANÇA

- TRÁFEGO E ACIDENTES
- CRIME E VIOLÊNCIA
- EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DESCONFORTÁVEIS

#### CONFORTO – OPORTUNIDADES PARA

- CAMINHAR
- PERMANECER EM PÉ
- SENTAR-SE
- VER
- OUVIR E CONVERSAR
- BRINCAR E PRATICAR ATIVIDADES FÍSICAS

#### BEM-ESTAR

- ESCALA
- ASPECTOS POSITIVOS DO CLIMA
- EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS POSITIVAS

#### SEGURANÇA VIÁRIA

- TRAVESSIA
- VELOCIDADE
- ATROPELAMENTOS

#### MOBILIDADE

- DIMENSÃO QUADRAS
- DISTÂNCIA E CAPACIDADE TRANSPORTES
- REDE CICLOVIÁRIA

#### AMBIENTE

- SOMBRA E ABRIGO
- QUALIDADE DO AR
- POLUIÇÃO SONORA
- COLETA LIXO E LIMPEZA

#### SEGURANÇA PÚBLICA

- ILUMINAÇÃO
- FLUXO DIA-NOITE
- CRIME

#### CALÇADA

- TIPOLOGIA
- MATERIAL
- CONDIÇÃO
- LARGURA

#### ATRAÇÃO

- FACHADAS
- USOS
- DIURNO-NOTURNO

#### SEGURANÇA

- ILUMINAÇÃO
- FLUXO DIA-NOITE
- CRIME

#### MOBILIDADE

- TIPOLOGIA
- MATERIAL
- CONDIÇÃO
- LARGURA

#### AMBIENTE

- SOMBRA E ABRIGO
- QUALIDADE DO AR
- POLUIÇÃO SONORA
- COLETA LIXO E LIMPEZA

### 3. Avaliação de prós e contras de cada método:

✓ Mantém a validade como subsídio teórico.

✗ Não sistematizado para levantamento;  
Exige atualização especialmente com relação à mobilidade.

✓ Oferece excelente categorização, com bom espectro sobre a complexidade do urbano.

✗ Ainda dependente da percepção do pesquisador;  
Oferece poucos parâmetros para análise quantitativa.

✓ Pormenoriza itens a serem analisados;  
Enriquece os parâmetros.

✗ Elimina a percepção do pesquisador;  
Muito focado na realidade das metrópoles;  
Análise excessivamente quantitativa.

✓ Categorias de análise se mantêm válidas.

✗ Totalmente baseado na percepção do pesquisador;  
Demanda incorporação de avaliação quantitativa;  
Exige parâmetros mais específicos.

PRÓXIMA ETAPA:  
Considerar todos os métodos anteriores;  
Incorporar categorias e subitens;  
Sintetizar análise em 3 grandes eixos.

## CONCLUSÕES PARCIAIS

Conclui-se que o método modelo, a ser finalizado até o final do ano, deve abarcar as dimensões quantitativa e qualitativa, considerando também a percepção do pesquisador, retomando aspectos da observação participante. Além disso, deve sintetizar as categorias de análise em três grandes eixos: Segurança, Mobilidade e Ambiente, incorporando subitens anteriores, porém simplificando sua aplicação. Cabe salientar que toda a pesquisa objetiva subsidiar o desenho urbano, almejando a qualidade de vida dos pedestres, em consonância com os preceitos da humanização largamente empregados no âmbito arquitetônico dos hospitais, porém negligenciados em sua interface urbana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 9050**: Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificação, espaço mobiliário e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.
- ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução – RDC Nº 50, de 21 de fevereiro de 2002. **Diário Oficial da União**, nº 35, 21 de fevereiro de 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudefegis/anvisa/2002/res0050\\_21\\_02\\_2002.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudefegis/anvisa/2002/res0050_21_02_2002.html)>. Acesso em: 14 set. 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **SOMASUS**. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/somasus>>. Acesso em: 04 de setembro de 2014.
- GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. São Paulo: perspectiva, 2015.
- ITDP. **Índice de Caminhabilidade**: Ferramenta. Rio de Janeiro, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Índice de Caminhabilidade**: Aplicação Piloto. Rio de Janeiro, 2016.
- JACOBS, J. **The Death and Life of Great American Cities**. Random House: New York, 1961.
- LABASSE, Jean. **La ciudad y el hospital**: geografía hospitalaria. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1982. (Nuevo urbanismo; n. 36)
- TOLEDO, L. C. M. **Feitos para Curar** - arquitetura hospitalar e processo projetual no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ-FAU-ProArq, 2002 (Dissertação de mestrado).
- \_\_\_\_\_. **Feitos para cuidar**: a arquitetura como um gesto médico e a humanização do edifício hospitalar. Rio de Janeiro: UFRJ-FAU-ProArq, 2008 (Tese de doutorado).